

Bons tempos!...

QUANDO atingimos uma certa altura da vida afigura-se-nos, quasi sempre com razão, que o Passado é já maior do que há-de ser o Futuro... E fácil nos é, infelizmente, chegar a esta conclusão, colocando num prato de hipotética balança as decepções, as desilusões e as saudades, e no outro as esperanças e as ambições. A medida que os anos vão passando, o primeiro prato desce cada vez mais... E, por fim, se formos a observar bem, concluiremos que o peso do prato contrário é nulo — ou quasi...

Isso não implica que lembrar facies trazida dolorosa impressão. Pelo contrário. Se «recordar é viver», nada nos é mais grato do que fazer perpassar, em espirito, acontecimentos e figuras que pertencem a um Passado tanta vez longínquo, quanto mais não seja para repetir com emoção e sinceridade: «bons tempos!...»

Agora, a propósito do falhado projecto de levar os primeiros grupos de futebol do Benfica e do Sporting, no mesmo vapor, à Ilha da Madeira e de ali os fazer disputar um encontro, veio-me à memória a primeira vez que eles se defrontaram «fora do portão».

Entre parêntesis, deve dizer-se que pouquíssimas vezes os dois velhos e gloriosos rivais se têm encontrado fora da área da sua Associação. Não conto, portanto, os jogos feitos em Carcavelos, nos tempos históricos, ou na Amadora, na disputa de taças com o nome desta povoação, que também já passaram à história. Refiro-me, pois, aos «Benfica-Sporting» efectuados na provincia. A despeito de frequentemente solicitados nesse sentido, só me lembro de três: um, no Porto; outro em Tomar; e outro ainda, em Elvas. Diga-se de passagem, os dois últimos não tiveram a grandeza e o significado daquele a que me refiro em primeiro lugar. E, portanto, desse que me ocupo, com a tal intenção de recordar um período distante e de conduzir à mesma recordação alguns dos comparsas do acontecimento e as pessoas da geração, bem como as dos nossos dias, que se iam estar ao facto do que se passou em tempos idos, quando o clubismo e o próprio Desporto tinham um sentido e um «perfume» diferentes dos actuais.

Foi isto no princípio da época de 1919/20. O Sporting ganhara, na temporada anterior, o seu segundo título regional. O Benfica preparava-se para lho arrebatá-lo, como veio a verificar-se, para poder inscrever o seu nome, pela oitava vez, na lista dos campeões de Lisboa.

No ano anterior os encarnados haviam ganhado o primeiro embate oficial, por 3-1. Na segunda volta, os «leões» devolveram o resultado... Houve empate em pontos e a necessidade de uma «final» para decidir a questão. Essa disputou-se em duas mãos, a 13 e a 20 de Julho de 1919. De ambas as vezes o Sporting saiu vencedor, respectivamente, por 1-0 e 2-1.

A época terminara entretanto. Outra principiara. O Benfica não ficara conformado... Mas as relações entre os dois clubes não eram de molde a tornar propício qualquer jogo particular... Até que o Futebol Clube do Porto, abalando-se a iniciativa de culto para a época, promoveu a deslocação simultânea dos dois grupos de honra, a fim de tomarem parte num torneio cujo «prato de resistência» seria, como é hoje ainda, o chamado «derby» lisboeta... disputado no Porto...

Ambas as colectividades aceitaram com júbilo a ideia. O Benfica porque tinha no espírito a ambição de uma desforra, apenas moral embora. O Sporting porque lhe interessava poder confirmar superioridade por outros contestada, isto fora do ambiente apaixonado da capital, nessa altura menos dividido do que hoje e reconhecidamente pouco favorável aos então campeões...

Por isso, na tarde de 30 de Novembro de 1919, no campo da Constituição, os «teams» alfacinhas fizeram as suas exhibições preliminares.

(Conclue na pág. 15)

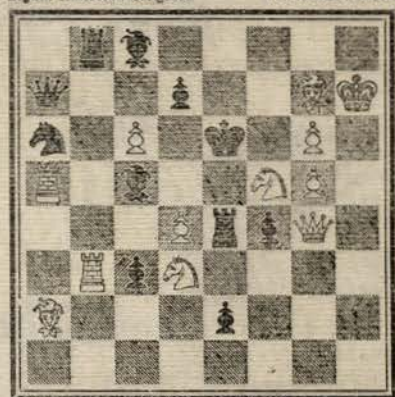
Direcção de Vasco C. Santos e J. Casimiro Pinagre

Toda a correspondência deve ser endereçada à nossa Redacção, com a referência «Xadrez»

PROBLEMA N.º 2

Eighth American Congress

Valentim Marin



Mate em 4 lances

O prazo de entrega das soluções é de 15 dias

A partida que inserimos hoje — adoptando a notação algebrica abreviada, que dispensa o símbolo da casa primitivamente ocupada — destina-se especialmente ao leitor iniciado, pelo que a fazemos acompanhar de algumas notas e comentários, no intuito de auxiliar quem a analise.

Partida n.º 2

Jogada no Campeonato do G. X. L. — 1943

P. R. — Partida Ponziane

Br. Vasco Santos Pr. José Luis de Moura

1. e 4, e 5; 2. Cf3, Ce6; 3. c3 — o lance que caracteriza a Partida Ponziane, sistema pouco explorado, mas que mereceu a Mestre Braumann, quando das suas dissertações sobre a Teoria das Aberturas, as referências mais elogiosas. O objectivo do lance é, evidentemente, fortalecer o centro de peões, agudando o desenvolvimento do BR que, conforme a variante adoptada pelas pretas, ocupará os pontos mais estratégicos. 3... Cf6; 4. d4, d6; 5. d4x e 5, d6x e 5; 6. Dxd8, Cxd8; 7. Cd2, Bd6; 8. Bd3, Ce6; 9. o-o — As pretas ameaçavam Cf4! Mas esta pretensa emancipação é efêmera... 9... Ce3; 10. Be2, Be6; 11. Cg5, Bg4 — Este Bispo tem sido mal manobrado. Para não trocarem um B. por um C., o que tecnicamente seria desvantajoso, as pretas começam imperceptivelmente a ceder agora. 12. b4 — Enfraquece c3, mas expulsa o cavalo de uma casa estrategicamente excelente. 12... Cd7 (preferível seria jogá-lo a e6) 13. f3 — Apoiando eficazmente o Pe4 e anulando a actividade do Bispo negro, que se tornou inútil. 13... Bh5; 14. Ce4, Te8; Tentando explorar a fraqueza em c3, quando Cxb1. 15. Td1 — Ameaçando ganhar um peão com Txb1... 15... h6; 16. Ch3 — Esta posição do Cavalo, parecendo fora de jogo por se encontrar longe da «zona de combates», é apenas aparente, pois esta peça tem uma excelente via para rapidamente entrar em acção. 16... Re7? Cortando toda a possível retirada ao Bispo; a vantagem posicional das brancas é agora nítida. 17. Ba3 — Um lance curioso, mas eficaz pelo reforço que representa para o bom êxito do ataque das brancas. Estas projectam, com esse lance, não só um forte domínio da diagonal a3-f8, como também lançar uma ofensiva na ala da dama, com a colaboração de todo o material disponível. 17... Ch6? Desastrosos! Urgia defender a casa e5 porque o cavalo, ocupando-a, abre caminho à sua infantaria, que se tornava depois demasiado ameaçadora. 18. Ca5, c5; — A perda de um peão era inevitável; se Tb8, então c4, e ganha uma peça! 19. Cxb7, c5xb4; 20. Cxd6, Txc3? — Isto acarreta a perda da Torre, mas, em qualquer dos casos, as pretas ficam sem-

Aos dirigentes
e aos praticantes do
atletismo portuense

MEUS bons amigos: Como verificais, ainda não morri... Este postal, escrito ao correr da pena, garante-vos o meu entusiasmo pelos assuntos desportivos, esse entusiasmo que é a consciência lógica de uma prática sã e despenda de teorias insalubres... Por isso mesmo, a minha paixão pelo desporto jamais morrerá!

Se volto, porém, à difícil tribuna da imprensa, faço-o pelo amor que me merece a mais salutar de todas as manifestações desportivas, o atletismo, que pratiquei embriagado pela sua beleza e que estudei, encantado pelas suas excepcionais condições técnicas.

Não vos admiréis, pois, se pelo atletismo eu faço todos os sacrificios — e digo «sacrificios», porque os desportistas não souberam a não reconhecer o que o progresso da causa deve à Imprensa!

Mas vamos ao que interessa, porque eu quis iniciar a série de artigos sobre o atletismo portuense, que me propus escrever para a «Stadium», com este bilhete postal que vos dirijo. E faço-o com profunda emoção, por dois motivos: primeiro, porque andei longo tempo arrebatado de vós; segundo, porque foi precisamente nas colunas da «Stadium» que eu escrevi os meus primeiros artigos sobre atletismo.

Em bons tempos, dei o «sinal de alarme», perante a indiferença da «turba»... O resultado viu-se; os meus recios tiveram, infelizmente, a confirmação... Mas o que lá vai, lá vai...

Voltámos os olhos para o presente e para o futuro, porque só estes interessam: só para estes podemos trabalhar com proveito.

E será então, agora, oportuno perguntar-vos: Teria de facto morrido no Norte o entusiasmo pelo atletismo — aquêle entusiasmo do tempo do Sarsfield, dos Pratas de Lima, do Arnaldo Sousa, do Júlio Dias?

Como eu, sabeis que não. «Dorme-se», apenas, um sono letárgico, à espera de um sopro de vida, venha ele de onde vier!

E esse «sopro» tornado realidade, realidade será a existência do atletismo nortenho.

Não nos faltam condições para isso: possuímos a melhor pista do País — e sem pistas não pode haver atletas; o nosso público é o mais entusiasta e o mais animador das boas iniciativas; e dispomos de dezenas e dezenas de rapazes interessados pela modalidade.

Com tão vastos e preciosos elementos, basta que vós — dirigentes e praticantes — unidos num só «bloco», queirais que o progresso do atletismo portuense seja o «marco» do renascimento do nosso atletismo! Um renascimento, embora sem «marcas» ou «tempos» famosos, que virão a seu tempo; mas um renascimento do entusiasmo pelo atletismo, que é tudo!

Deixem-se ficar no esquecimento todas as invejas, todos os mal entendidos, porque acima do egoísmo de cada um, acima da vaidade pessoal, estão os interesses gerais do atletismo nortenho.

Senhores dirigentes e praticantes: Se cada um, dentro das possibilidades, der o seu esforço, por mais insignificante que pareça, o atletismo no Norte será uma manifestação desportiva em franco progresso.

Confio em absoluto nos novos homens que estão à frente dos destinos da A. P. A., e é deles que, em grande parte, depende o futuro da modalidade.

Todos unidos, sereis capazes de conseguir o que até agora tem parecido impossível. E para isso, podis contar com a colaboração leal e franca do que afirma ser um dos amigos N.º 1 do atletismo — bela e salutar modalidade desportiva!

EDUARDO SOARES

pre em inferioridade material. 21. Cf5+, e as pretas abandonam, porque a Re8 seguir-se-ia Bxb4, com a ameaça de ganhar a Torre... ou dar mate!

V. S.